



Jornal dos bairros: jornalismo e compromisso com os movimentos sociais e com uma nova prática política ¹

Sandra Maria de FREITAS ²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, MG

RESUMO

Este artigo busca resgatar a história do Jornal dos Bairros, criado em 1976 por jornalistas e outros profissionais militantes, oriundos de diversas organizações de esquerda, para dar “voz” aos movimentos sociais emergentes e aos moradores da região industrial da capital mineira e dos municípios de Contagem, Betim, Ibirité, da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Objetiva também apontar marcas de um jornalismo articulado com os movimentos sociais por meio de uma nova concepção de militância de esquerda que buscava romper com as práticas políticas instituídas pelos diferentes grupos da esquerda brasileira. O impresso circulou até 1983 e teve papel importante tanto no registro e publicização das lutas dos moradores e dos movimentos sociais, como na instituição de novas práticas políticas relevantes no processo de redemocratização do país.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa alternativa; imprensa popular; movimentos sociais; redemocratização.

Introdução

A imprensa alternativa teve um relevante papel no combate à ditadura militar e no processo de redemocratização do Brasil. Além do importante papel político, inovou tanto em relação às técnicas jornalísticas, como imprimiu fortes valores estéticos e estabeleceu formas administrativas mais horizontalizadas. Ela se contrapõe à chamada grande imprensa, marcada pelo alinhamento conservador e até adesão e apoio explícitos ao regime militar.

Imprensa alternativa é entendida neste trabalho conforme indicação de Kucinski (1991, p.5).

“(…) alternativa contém quatro dos significados essenciais dessa imprensa: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam”.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Graduada em Comunicação, habilitação em Jornalismo pela UFMG; mestre em Educação pela UFMG; doutora em Comunicação e Sociedade pela UFRJ. Professora da PUC Minas desde 1987 onde leciona no Curso de Jornalismo e Publicidade e Propaganda. sandrabh@pucminas.br.



Na década de 70 o primeiro alternativo foi o jornal Opinião, do empresário Elio Gaparian, editado pelo jornalista Raimundo Pereira. Um “racha”, em 1977, no grupo que o produzia dá origem ao semanário Movimento. Junto com estes circularam entre

1964 e 1984 os jornais: Pasquim, Lampião da Esquina, Em Tempo, Brasil Mulher, Beijo, Bondinho, Ex, Versus, Coojornal, De Fato, dentre muitos outros, menores mas decididos a combater como podiam a ditadura militar e a truculência de seus representantes. Conforme Kucinski (1991) foram cerca de 150 jornais que participaram da resistência ao regime e que, também a nosso ver, foram fundamentais para instituir os processos de luta pela redemocratização do Brasil. O que unificava essa diversidade era que:

Em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar, os jornais alternativos cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico. Inclusive nos anos de seu aparente sucesso, durante o chamado “milagre econômico”, de 1968 a 1973. destoavam, assim, do discurso triunfalista do governo ecoado pela grande imprensa, gerando todo um discurso alternativo. opunham-se por princípio ao discurso oficial. (KUCINSKI, 1991, p.5).

Em Belo Horizonte, capital das Minas Gerais, além do alternativo De Fato, foi fundado no ano de 1976 o Jornal dos Bairros que aglutinou mais de 100 jornalistas, profissionais liberais, estudantes universitários e lideranças sindicais e populares que buscavam uma forma de atuação política. A principal característica do impresso foi seu propósito de registrar e divulgar as lutas dos moradores da região industrial de Belo Horizonte, Contagem, Betim e Ibité na Região Metropolitana produzindo um jornalismo de qualidade e articulado com os movimentos sociais, setores progressistas da Igreja Católica. Em função dessa característica e da disposição de seus jornalistas e militantes de instituir novas práticas de atuação política, o Jornal dos Bairros, além de alternativo, foi um veículo popular que se posicionou claramente em favor das demandas advindas do âmbito do consumo das camadas populares da sociedade: carestia, transporte coletivo, saúde, educação - especialmente a educação infantil.

O Jornal tinha periodicidade quinzenal, tamanho tablóide, papel jornal (poucas edições com a capa em cores), com número variado de páginas, a depender dos recursos disponíveis para cada edição. As concorridas reuniões de pauta eram realizadas aos



domingos, logo após a distribuição do dia, realizada diretamente pelos participantes do jornal - havia uma divisão dos grupos de distribuição por áreas, cada uma contendo um ou mais bairros. Nesses momentos eram discutidos os assuntos a serem tratados na edição seguinte, mas também a conjuntura política e econômica do país, em Minas e nos municípios cobertos pelo jornal. O debate de ideias sobre os rumos do país e do estado, as especificidades das políticas locais e as repercussões de cada número do jornal movimentava as tardes daqueles militantes, que estavam convictos de que sua função política estava vinculada a um jornalismo peneado de valores éticos, estéticos, históricos e técnicos. Jornalismo é concebido neste trabalho conforme Genro (1987) como forma singular de conhecimento. Conhecimento produzido em partilha com os públicos do jornal.

Importante destacar ainda que por meio da atuação no Jornal dos Bairros muitos militantes retomaram, naquele momento ainda de censura e arbítrio, suas práticas políticas, parte deles saídos das prisões, da clandestinidade; outros, ainda, fugindo da censura nas redações dos jornais da grande imprensa e estudantes que queriam mais que as atividades no movimento estudantil. Portanto, um jornal da imprensa alternativa, popular e militante. Juntaram-se ao jornal lideranças da região, vindos do sindicalismo, dos movimentos sociais emergentes e da igreja católica – alguns evangélicos também participavam do grupo.

O Jornal por meio dos grupos de apuração e\ou distribuição teve participação ativa no fortalecimento e organização de movimentos sociais como o de Transporte Coletivo e Contra a Carestia, bem como junto a associações de bairros e\ou de moradores e ao novo sindicalismo (variam muitos os nomes neste período de 1976 a 1983).

O entendimento que se tem neste texto dos movimentos sociais é conforme Alain Touraine que (*apud* BOBBIO, 1993, p.789) “os movimentos sociais pertencem aos processos pelos quais a sociedade cria a sua organização a partir do seu sistema de ação histórica, através dos conflitos de classe e dos acordos políticos”.

Importante assinalar ainda que estes movimentos de acordo com Bobbio

constituem tentativas, fundadas num conjunto de valores comuns, destinadas a definir as formas de ação social e a influir nos seus resultados. Comportamentos coletivos e Movimentos sociais se distinguem pelo grau e pelo tipo de mudança que pretendem provocar no sistema, e pelos valores e nível de integração que lhes são intrínsecos (BOBBIO, 1993, p.787).



O grupo que atuava no jornal almejava a queda da ditadura militar e a democratização do país, com anistia ampla, com reforma agrária, educação para todos dentre outras bandeiras importantes da época e era isso que dava unidade. Quando se passava ao debate de detalhes sobre cada uma delas, inevitavelmente havia muitas divergências, mas no fundamental havia concordância: resistir e provocar a queda do regime para implementar a democracia. Junto às lideranças havia maior pulverização de demandas e a maioria estava centrada no âmbito do consumo, constituindo-se ações específicas, lutas muitas vezes apenas pontuais. No grupo de militantes ligados a organizações diversas e sindicatos, que eram parceiros e não participavam de maneira efetiva da vida do jornal, havia pontos de encontro e divergências a depender da conjuntura.

Entende-se que uma vez mais Bobbio pode contribuir para o entendimento dessas questões, uma vez que

Existe, como é natural, uma relação entre os agentes de mobilização e os tipos de movimentos daí resultantes. Seguindo basilarmente as indicações de Touraine, Melucci propôs uma distinção entre movimentos reivindicativos, movimentos políticos e movimentos de classe, baseada nos objetivos perseguidos.

Cabe também ressaltar que os movimentos emergentes no período de atuação do Jornal dos Bairros se mesclavam bastante e a passagem de um tipo a outro ocorreu em alguns casos como o Movimento Contra a Carestia que passa da questão dos preços dos produtos básicos da alimentação das famílias mais pobres para a discussão da necessidade de criação de canais de participação política e de expressão da vontade e reivindicações populares (BOBBIO, 1993, p.791). É relevante também neste trabalho apontar a que público o jornal se destinava e o porquê desta escolha. Estava na base do pensamento e reflexões dos fundadores a concepção de que as esquerdas erraram ao tratar as “massas” como pouco esclarecidas e portanto merecedoras de sua iluminação pra agir e realizar mudanças, projetos, o que demandaria a atuação da “vanguarda esclarecida”. Sua proposta era romper com as práticas da esquerda até então, inaugurando um trabalho de base que contribuísse na organização das camadas populares da sociedade. Quando escolhe as lideranças nos bairros e movimentos sociais, procura-se os agentes de mobilização. Acompanhamos novamente o pensamento de Bobbio quando apresenta as pesquisas de Wilson (1973) e Melucci (1976) que indicam



que quem inicia os movimentos sociais, geralmente, não são as pessoas mais marginalizadas, mas indivíduos não periféricos e sim, centrais. ”Os primeiros a se rebelar não são os grupos mais oprimidos e desagregados, mas os que experimentam uma contradição intolerável entre a identidade coletiva existente e as novas relações sociais impostas pela mudança” (MELUCCI *apud* BOBBIO, 1993, p.791).

Conforme aquele autor, esse “público” poderia se mobilizar com maior facilidade porque:

- 1)- já contam com uma experiência de participação, isto é, conhecem os procedimentos e métodos de luta;
- 2)- possuem já líderes próprios e um mínimo de recursos de organização que provêm dos vínculos comunitários ou associativos preexistentes;
- 3)- podem utilizar redes de comunicação já existentes para fazer circular novas mensagens e novas palavras de ordem;
- 4)- podem descobrir facilmente interesses comuns” (*idem*).

No nosso caso, as redes para circulação eram informais e o apoio do Jornal dos Bairros aparece como essencial para dar “voz” a suas reivindicações. Mas no jornal as contradições se revelavam, especialmente quando os próprios movimentos colocavam em pauta questões pouco confortáveis para seus jornalistas e militantes.

Exemplo esclarecedor foi quando eclodiram as greves de 1978, em João Monlevade, no Vale do Aço – uma greve de ocupação, a greve dos metalúrgicos da Fiat em Betim e depois a greve de ocupação dos metalúrgicos da Mannesmann, decidida no dia 22 de maio de 1979 e durando 8 dias. Havia dificuldades em definir assuntos e enquadramentos para tratar as matérias sobre elas. No caso desta última, durante uma grande reunião de pauta a discussão intensa foi: a chamada de capa vai ser greve ou paralisação. Greve na primeira página era uma ousadia pois havia sérios riscos envolvendo a segurança do conjunto do trabalho desenvolvido junto aos bairros e seus moradores. Naquele momento se estabelecia e se falava ainda em distensão lenta, gradual e segura para a ditadura militar.

A inserção do jornal se deu também junto ao movimento sindical, além do apoio às greves, incentivava-se a participação nos sindicatos, discutia-se com os moradores e familiares sobre a questão. As ações dos trabalhadores dentro e fora das empresas eram registradas nas reportagens com enquadramento definido nas reuniões de pauta ou do Conselho Editorial. Foi um momento em que muitas oposições a diretorias “pelegas” foram se constituindo em articulação com os militantes que se concentravam no jornal.



A formação da “nova” militância se dava fazendo política “pelas bases”, quando jornalistas e demais participantes podiam refletir sobre os caminhos teórico-políticos trilhados por eles até então e os novos desafios que vinham sendo colocados concretamente nas lutas então travadas, principalmente no âmbito do consumo; complementando essa formação, eram formados grupos de estudos e análise política por tema ou por região de distribuição. Neles os debates acalorados entre jornalistas e profissionais mais experientes, ex-presos políticos ou militantes do MR8, Centelha, Pcdob por exemplo, e estudantes de jornalismo transformavam-se em verdadeiras “aulas” de sociologia, política e cultura. Não há dúvida de que nessas experiências de formação eram feitas revisões de práticas e prospectadas novas maneiras de ver e de fazer política.

A produção do jornal desencadeava todo esse trabalho organizativo: qual seria o assunto central, que reportagens e que notícias deveria trazer, como abordar cada uma das matérias, que fotos e onde, chamadas de capa, legibilidade dos textos etc. Os valores técnicos do jornalismo eram então tomados como foco e buscava-se a produção de um jornalismo de qualidade que, além dos aspectos técnicos, contemplasse também, de forma articulada, os valores, éticos, históricos e técnicos. Tomado como forma de conhecimento cristalizado no singular, conforme definição de Genro (1987), o jornalismo torna-se construção coletiva baseada na precisão dos dados que recolhe e das informações referidas nas análises realizadas a partir deles, das comparações que proporciona e das perspectivas que se estabelece em relação às realidades concretas de cada pessoa, movimento, grupo político etc.

Após o que era feita a diagramação, para, posteriormente encaminhar o material para impressão em gráficas de Belo Horizonte e no Rio de Janeiro (quando aperta o cerco sobre o Jornal). Portanto, numa semana se produzia o jornal e noutra semana se distribuía. Nesta segunda semana alguns profissionais dedicados ao impresso e estudantes de Jornalismo e Ciências Sociais, algumas vezes com apoio de moradores, faziam a distribuição no comércio dos bairros mais movimentados, nas portas de fábrica das empresas de maior porte como Mannesmann (hoje Valourec) e algumas igrejas e escolas (vale lembrar que no domingo de distribuição muitos moradores recebiam, diretamente em sua casa ou buscando na sede no Barreiro, bairro populoso da região industrial de Belo Horizonte, certa quantidade de jornal e se responsabilizava por sua distribuição em seus bairros e\ou locais de trabalho). Percebe-se uma reconstrução dos



valores-notícia e dos critérios de noticiabilidade a que estavam acostumados os jornalistas e estudantes de jornalismo envolvidos com o projeto do Jornal dos Bairros. O enquadramento das reportagens e notícias no Jornal baseava-se em discussão com os moradores (lideranças e colaboradores do Jornal dos Bairros), debates nos grupos de distribuição e nas reuniões de pauta – num processo criativo, rico e colaborativo.

O Jornal dos Bairros estaria inscrito entre as duas vertentes da imprensa alternativa distintas a que Kucinski se referiu: uma primeira composta de jornais “predominantemente políticos, tinham raízes nos ideais de valorização do nacional e do popular dos anos de 1950 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis nos anos de 1960” (...) “a outra classe de jornais tinha suas raízes justamente nos movimentos de contra-cultura norte-americanos e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo de Jean Paul Sartre” (1991, p.6). Os primeiros eram geralmente

pedagógicos e dogmáticos, os jornais alternativos políticos foram, no entanto, os únicos em toda a imprensa brasileira a perceberem os perigos do crescente endividamento externo, ainda em 1973, e o agravamento das iniquidades sociais. revelaram novos personagens do nosso cenário, como os boias-frias, protagonizaram em suas páginas os movimentos populares de reivindicações e de protesto e discutiam os temas clássicos das esquerdas, como o do caminho da revolução brasileira e as táticas e estratégias de oposição durante o longo processo de abertura.

Os outros “rejeitavam a primazia do discurso ideológico. Mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural, investiam principalmente contra o autoritarismo na esfera dos costumes e o moralismo hipócrita da classe média.(KUCINSKI, 1991, p.6).

O Jornal dos Bairros era ao mesmo tempo político e rejeitava a primazia do ideológico, buscando ressignificar as práticas, promovendo processos compartilhados e participativos no jornalismo e na ação política.

Concordamos aqui com Kucinski (1991, p.6) para quem

os protagonistas da imprensa alternativa dos anos de 1970 constituíam, assim, uma subcultura que se distinguia do grosso dos jornalistas e intelectuais pela sua disposição contestatória, pela sua propensão ao ativismo, pela sua intransigência intelectual e, em certa medida moral, pela afinidade com os motivos ideológicos que moviam os ativistas políticos.

Novos Caminhos



Para os jornalistas, participar dessa experiência significou contemplar, além da opção de militância política, a possibilidade de dar vazão, em meio à censura ferrenha e à perseguição político-ideológica, à criatividade, testando novos formatos de textos, modos diferenciados de fazer jornalismo de qualidade. Para muitas lideranças e moradores dos bairros cobertos pelo jornal, significava um canal de apoio, de suporte e de divulgação de suas lutas incipientes que não eram sequer registradas pela grande imprensa e que permaneciam no total anonimato para o Estado. Para os militantes de esquerda provenientes de diversas organizações, algumas saídas há pouco da clandestinidade, a inserção no Jornal dos Bairros significava uma sobrevida em suas organizações, duramente perseguidas pelo regime, e uma possibilidade de refletir, repensar e reposicionar-se no cenário político daquele momento, bem como nas suas formas de análise. Enfim, o Jornal dos Bairros foi um aglutinador de um conjunto de demandas, desejos, afetos e utopias. Ali foram gestadas formas novas de convivência, de experimentação jornalística e de práticas políticas.

A geração de jornalistas e militantes que atuaram no Jornal dos Bairros vai retomar, a partir do início dos anos 80 (o impresso circulou até 1983) o trabalho nos mercados tradicionais de jornalismo, vai ocupar as “vagas” nos jornais da grande imprensa, nas assessorias de imprensa, especialmente nos sindicatos e organizações da sociedade civil que vai se reconfigurando juntamente com as mudanças conjunturais do país. Alguns jornalistas vão para as escolas de comunicação e jornalismo. Ela assume, portanto, a militância mais ampla e passam a influenciar nas organizações e lutas travadas por diferentes setores da sociedade brasileira pela redemocratização do país.

Vale destacar ainda que nos grupos de distribuição do jornal, onde se faziam as discussões políticas e avaliam-se a situação política e econômica com o objetivo de inserção por meio de novas práticas, foram fundamentais para a formação dos profissionais – pode-se falar de uma geração de jornalistas saídos do Jornal dos Bairros e influenciou, posteriormente, nas formas de assessoramento aos movimentos sociais, sindicais e partidos políticos.

Disputas pela direção de vários sindicatos foram discutidas e apoiadas ainda no início dos anos 80. Como foi o caso de oposição dos tecelões, dos metalúrgicos, posteriormente do Sinttel – telefônicos, bancários e jornalistas, onde assume o jornalista



Tilden Santiago, um dos fundadores do Jornal dos Bairros depois eleito deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores.

Sairão do jornal ainda dois políticos importantes em Minas: o jornalista Nilmário Miranda, um dos fundadores e mentores do Jornal dos Bairros, ex ministro dos Direitos Humanos no governo Lula e atualmente Secretario Estadual de Direitos Humanos e Participação Popular de Minas; e o governador do estado de Minas Gerais, Fernando Pimentel, que, além de ter participado de Movimento e Em Tempo, foi parceiro e apoiador do Jornal dos Bairros. No grupo do jornal circularam muitos outros profissionais que hoje têm representação e\ou cargos políticos, como o deputado federal do PT\MG, Patrus Ananias, ministro da Reforma Agrária, ex-ministro de Desenvolvimento Social, onde criou o Bolsa Família, ex-prefeito de BH, onde instituiu o Orçamento Participativo.

Considerações Finais

O resgate da história do Jornal dos Bairros ajuda a compreender a importância da imprensa alternativa popular nos processos de redemocratização do país. Tanto para os profissionais e jornalistas que dele participaram como para os moradores e lideranças de movimentos sociais e sindicais envolvidos no projeto experimentaram novas práticas – no campo do jornalismo e no campo da política.

A nova forma de fazer política e jornalismo só foi possível porque foi forjada de maneira articulada ao desenvolvimento dos movimentos sociais, muitos deles diretamente ligados ao Jornal dos Bairros. Teve substantiva importância para os processos de redemocratização do país a partir da década de oitenta. A atuação política desenvolvida no Jornal dos Bairros e o jornalismo nele produzido contribuíram significativamente para o Movimento Nacional Contra a Carestia em Minas; para a eleição de uma bancada de deputados estaduais e federais pelo MDB Autêntico; para a luta pela Anistia, Ampla, Geral e Irrestrita - que se desdobra até os dias de hoje; para a eleição de muitos sindicalistas progressistas e de esquerda em várias categorias profissionais; para a criação da Central Única dos Trabalhadores; para o fortalecimento da luta pela Reforma Agrária – que também se estende até hoje.

Um jornalismo crítico e de qualidade, fundado sobre valores éticos, históricos, estéticos e técnicos, pilar do Jornal dos Bairros, representante do que aqui chamamos de



imprensa alternativa popular, contribuiu, de maneira singular, para o fortalecimento dos movimentos sociais e de moradores nos 60 bairros cobertos na região industrial de Belo Horizonte, Contagem, Betim e Ibirité, e teve papel importante nos processos de redemocratização do Brasil.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê! Editora LTDA, 1987.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários. 1 ed., 1991; Editora Página Aberta Ltda. 2 ed., revista e ampliada, Edusp, 2001.